



Moacyr Scliar

## O tio que flutuava

Ilustrações  
Robson Araújo

**ea**  
editora ática

*O tio que flutuava*  
© Moacyr Scliar, 2002

<b>Diretor editorial</b>	Fernando Paixão
<b>Editoras</b>	Carmen Lucia Campos Claudia Morales
<b>Editor assistente</b>	Fabricio Waltrick
<b>Redação</b>	Baby Siqueira Abrão (Apresentação) Jurema Aprile (seção “Quero mais”) Ivany Picasso Batista
<b>Coordenadora de revisão</b>	
<b>ARTE</b>	
<b>Projeto gráfico</b>	Marcos Lisboa, Suzana Laub, Katia Harumi Terasaka, Roberto Yanez Suzana Laub
<b>Editora</b>	Antonio Paulos
<b>Editor assistente</b>	Odete Ernestina Pereira
<b>Pesquisa iconográfica</b>	Divina Rocha Corte, Moacir Matsusaki,
<b>Editoração eletrônica</b>	Eduardo Rodrigues
<b>Edição eletrônica de imagens</b>	Cesar Wolf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S434t

Scliar, Moacyr, 1937-2011

O tio que flutuava / Moacyr Scliar ; Ilustrações Robson  
Aratújo. - 1. ed. - São Paulo : Ática, 2002.  
88p. : il. - (Quero ler)

Apêndice  
Contém suplemento de atividades  
ISBN 978-85-08-08269-8

I. Novela infantojuvenil brasileira. I. Aratújo, Robson. II.  
Titulo. III. Série.

09-4349.

CDD: 028.5  
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 08269-8 (aluno)  
ISBN 978 85 08 08270-4 (professor)

2013

1ª edição

10ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2002  
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



## Tirando o pé do chão

*Imagine a seguinte situação: você é um garoto de catorze anos, tímido e que nunca saiu de sua cidade. De repente, você precisa viajar para longe, sozinho, e resolver um problema urgente que ninguém sabe qual é. Que embrulhada, hein?*

*Pois foi exatamente o que aconteceu com Marcos. Obrigado a andar de ônibus a noite inteira, foi parar numa cidade que não conhecia para ajudar uma tia com quem pouco convivia. O pior é que, ao chegar lá, ele descobriu que o tal problema era muito esquisito: seu tio estava flutuando. Isso mesmo! Em vez de andar no chão, o tio agora vivia junto do teto. Leve como um balão. E sem nenhuma explicação para isso.*

*Você acha que Marcos conseguiu resolver essa trapalhada? Certamente sua missão seria mais fácil se ele não tivesse encontrado um espião pelo caminho. Sorte dele que, em meio a tanta confusão, coisas boas aconteceram, como a descoberta de um grande amor.*

*E o livro não acaba aí: no final você encontra informações sobre o autor dessa história, o gaúcho Moacyr Scliar, além de curiosidades sobre outros assuntos do livro.*





## Sumário

O tio que flutuava | 7

Quero mais | 81

*“Por mar e por terra  
nem sempre se pode escapar;  
mas o ar e o céu  
estão sempre livres.”*

*Apollodorus  
A lenda de Ícaro*

*“Quem quer viver, faz mágica.”*

*Guimarães Rosa*



Os adultos não têm imaginação, você disse. Você estava zangado comigo, já não lembro exatamente por quê – afinal, os filhos se zangam tão frequentemente com os pais, e por tantas e tão diversas razões, não é mesmo? Talvez eu nem devesse dar importância ao fato. Aliás, foi o que sua mãe disse: não dê importância, amanhã está tudo esquecido.

Mas a verdade é que não esqueci. Seu comentário (ou acusação) mexeu comigo. Fiquei pensando no que você me disse e me perguntando: Será que você tem razão? Você está com catorze anos; é uma idade de contestação. Mas a contestação nunca é inteiramente gratuita; muitas vezes as palavras rudes ocultam verdades incômodas. Fiquei me perguntando se realmente não tenho imaginação; se sou quadrado, careta. Se renunciei aos sonhos (ou aos devaneios) de minha juventude.

Considerarei-me desafiado. Um desafio que recebi com carinho, orgulho, e – por que não dizer? – até mesmo uma

nostálgica inveja. Como você, eu também reclamei todo o poder para a imaginação; como você, eu vivi essa verdadeira erupção de emoções que é a adolescência.

E então resolvi responder ao desafio com aquilo que sei fazer (ou penso que sei fazer): com uma história.

Resolvi te contar de um primeiro amor. Do meu primeiro amor. Não, não se trata de tua mãe; nem de pessoa alguma que conheças. De modo que você terá de deduzir – e este é o *meu* desafio – o que é real e o que é fantasioso. (Difícil: em se tratando de amor, não há fronteira nítida entre a realidade e a fantasia. O amor estimula a imaginação, a imaginação fornece gentil suporte para o amor. Amor e imaginação, juntos, podem tudo. Ou quase tudo.)

Esta é uma história de primavera. É um lugar-comum associar o amor à primavera, mas aqui não se trata disso. Trata-se do vento.

Aqui no Sul, você sabe, o clima é regulado pelas massas polares que nos chegam das planícies da Patagônia, desolado lugar em que muitos dos exploradores deixaram suas ilusões. No inverno, vem de lá um cruel vento que nos enregelava até os ossos; no verão, pelo contrário, não vem vento algum – e aí sufocamos na atmosfera quente, úmida, abafada. Mas a primavera nos traz, com cordiais saudações, um ventinho leve, amável, que arrebatava chapéus e desalinha os cabelos das senhoras elegantes.

Como eu disse, foi na primavera que tudo começou. Em outubro daquele ano, minha tia Clara notou que seu marido, Isaías, deslocava-se mais rapidamente do que seu moroso passo habitualmente permitiria. A princípio ela não deu muita importância ao fato e até ficou satisfeita;

mulher enérgica, ativa, gostava de caminhar depressa. Acho, porém, que se mirasse cuidadosamente o esposo, de cima a baixo, talvez notasse que as solas de seus sapatos já não tocavam o solo. Em outras palavras, que meu tio flutuava no ar. E que a rapidez com que agora deslizava pelas ruas devia-se, nada mais, nada menos, ao sopro do vento da primavera. Meu tio sempre foi um homem magrinho. Fácil de conduzir.

Apoio minha hipótese numa foto tirada justamente em outubro, uma foto que titia nos mandou – com a data, mas sem dedicatória; muito afetuosa ela não era. Nessa foto noto que meu tio, que habitualmente mal chegava ao poderoso ombro de sua consorte, agora ultrapassava-o de uns dois centímetros. Poder-se-ia atribuir o fato a esses desníveis de terreno que às vezes favorecem os de baixa estatura, ao menos nas fotos; mas, de novo, estou convencido que à época o titio já flutuava. De qualquer modo minha tia não chegou a notar nada. Foi preciso, como sói acontecer nesses casos, que a situação chegasse a um extremo.

Uma manhã, titia (isso ela contou depois; depois que tudo já tinha passado) acordou e, tateando a cama, não encontrou o marido a seu lado. Olhos ainda fechados, chamou por ele:

– Isaías, você está no banheiro?

– Não – foi a resposta. – Estou aqui.

A voz vinha de cima. Abrindo os olhos, tia Clara viu o marido, Isaías, que durante tantos anos acordara com ela naquela mesma cama, numa situação diferente: no ar, de encontro ao teto.